

Kyrial

2019 12^a edição

PU

DA

LI

DE

R

D



Ilustração por Mirian Viana



KYRIAL

ISSN 1982 - 1085

ANO XII - NÚMERO 12

Dezembro de 2019

revistakyrial@outlook.com

facebook.com/RevistaKyrial

Capa e Contracapa

Matheus Souza

Projeto Gráfico

Heberton Baptistela



Ilustração por Miguel Rodrigues

Corpo editorial

Alan Vieira
Camila Melare
Caroline Gomes
Giovanna Orlandi
Jefferson Souza
Julia Armelin
Julia Lima
Mayara Coelho
Natalia Nogueira
Raquel Viana
Vitória Martins

Ilustrações

Acácia Azavedo
Allan Douglas Oliveira
Arima Rayana Felício Rossi
Giovanna Orlandi
Heberton Baptistella
Isa Whitaker
Isael Junior
Lorraiye Ruiz
Luís Antônio Meira
Mariana Marciano
Matheus Souza



Ilustração por Matheus Souza

Escritorxs

Acácia Azevedo
Andressa Itou
Ane Cangussu
Anna Lee
Carol F. Gomes
Danielle Assumpção
Fernanda Lima
Gabriela Bilangieri
Gabriela Manzato
Giovanna da Costa
Heberton Baptistela
Isabela Marques
Isabela Zamerezi
Isadora Vitorelli
Jefferson Souza
Klaus Sgroi
Leonardo Flôres
Luís Fernando Martins Baptistella
Mayara Coelho
Miriam Izumi
Natália Nogueira
Paloma Guimarães
Rafaela Romero
Taísa Sanitá Selis
Verônica Calicho Cappelini
Viviane Vieira
Yasmin P. Maturo
Yasmim Verdadeiro Augusto

Colaboração

Maria de Fátima Silva Amarante
Cristina Bertoli Ribeiro Marques

Apresentação

Pluralidade

De histórias e de jeitos de contá-las. De ideias e de como se expressar. De onde vieram e onde hão de se encontrar.

Encontram-se aqui, na décima segunda edição da Revista Kyrial, as múltiplas mentes, corpos, almas, sentimentos, origens, cores, metamorfoses, memórias, identidades, todas responsáveis pela realização deste projeto que se perpetua a lutar, a resistir, a criar, a dar voz, a unificar, a contar histórias e a ilustrar.

Em um cenário conflituoso que se reflete no nosso comportamento nas redes sociais diante do diferente, é justamente o diferente que nos propomos a celebrar nesta edição, e convidamos a celebrar conosco você que nos lê, pois sabemos que assim como nós, e assim como cada letra que compõe cada página de cada exemplar desta nova edição, você não é um só em um mundo tão vasto, e isso diz tanto de cada um de nós. Diz tanto sobre a nossa complexidade, descrita na "Simplicidade" das palavras de Sérgio Vaz:

Simplicidade

No princípio quando era o verbo,
de tão pequeno me achava grande.
Uma enorme sombra diante de um sol
pequeno.

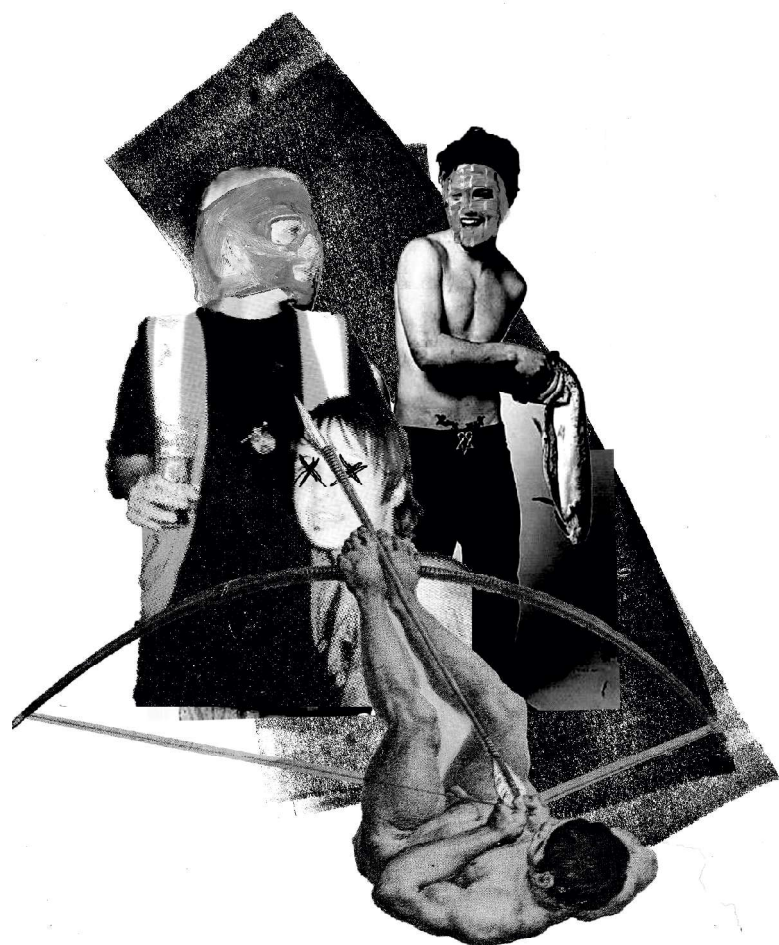
Mas a grandeza das coisas pequenas,
que são as estrelas na órbita da lua,
ensina que a vida cabe somente
na sua via-láctea.

Porém,
se no teu infinito
não cabe a escuridão alheia,
você brilha tão intenso
que o universo cabe todo
numa casca de noz.

E aí, de tão grande a simplicidade
nasce em teu coração
um planeta melhor:
eu, tu, eles, nós, voz.

Ilustração por Matheus Souza

- Sérgio Vaz



Sumário

O (não) eu | 01

Olhos verdes | 02

nem | 02

Rosa/Branco | 02

Vitalizas-me | 02

O meu tempo | 03

Poesia | 04

Dama Verde | 04

Ser plural é ser diverso | 06

Folha Verde | 06

Diferentes, mas iguais | 07

Multidão | 07

To be one (million) | 08

Diga-me: quantas almas tem um ser humano? | 10

Olhos de Ambar | 12

Eu gosto é de gente | 13

Elas são tantas | 13

Pluriormose | 14

Das vantagens de ser uni(co) verso | 16

Cerâmica é pra gente | 18

Pra refletir | 18

Afro-brasileira | 20

Monge Nordestino | 20

Lamento Tropical | 23

Sertão | 23

Olhos de esmeralda | 24

Noite de verão | 24

Veja! A vida esgota | 24

Ilustração por Paula Pazini



O (não) eu

Paloma Guimarães

Eu de nome duplo
Me culpo
Por não saber
Na verdade
Quem eu sou

Descendente de indígena
De lituano
De Pernambucano
Sou brasileira
Não me engano

Mas quem sou de fato
É um fardo
Que carrego
E não me safo

Nos olhos dela:
a escorpiana
Nos olhos dele:
a Poliana
Menina-veneno
Mulher-coração

Neta, filha
sobrinha, prima,
aluna, cozinheira
E (não) amiga?

Feita de pedaços outros?
De discursos prontos?
Como me encontro?
Em que canto me escondo?

Meus pedaços de mim
Esmagados por eles
Ressignificados por elas
Navegam assim
Nas procelas Sem fim.



Ilustração por Mariana Marciano

Olhos verdes

Anna Lee

Verde primavera de
Abril cor da natureza
pátria amada Brasil
árvore da pureza

Seus olhos cristalinos
enchem-me de paz
doce como o som dos violinos
faz amar, um jovem rapaz

Mulher que encanta
qualquer um
e os males espanta
já é senso comum

Seus verdes-olhos
podem me hipnotizar
já penso em nossos filhos
os anjos já podem profetizar

nem

Klaus Sgroi

nem
qualquer algo
nem
nenhum todo

Me enchem por completo
E me tornam o tudo (que não sou)

Rosa/Branco

Verônica Calião Cappellini

Neve brilhosa, *
O seu belo cobertor
"Lê" a cerejeira.

Vitalizas-me

Marcela Defaveri Joaquim

Chamar-te por várias flores poderia Tu
tudo perfumas, Jasmin
Tu a tudo dás cor, Camélia
Tu tudo fazes florescer, Virgínia
Mas tu, meu amor
Tu moves minha vida
Teu olhar de clorofila.

Ilustração por Paula Pazini





Ilustração por Lorraine Ruiz

O meu tempo

Taísa Sanitá Selis

@ART_LOLLYPOP

A rotina de inserir a palavra "tempo" como medida para a execução de determinados objetivos acaba com o "meu tempo". Os ponteiros do relógio batem no ritmo do pulsar de cada coração. Não há certo nem errado, há o melhor momento para mim, e o melhor para você.

Já passou do tempo de viver de acordo com as badaladas referência, viver o Meu Tempo não tem restrição de idade, carreira, credo, raça, gosto, conhecimento, tampouco rótulo, há autoconhecimento. E ser melhor para si, permite ser o melhor para os outros! Basta ter tempo...

A pluralidade só existe com a singularidade de cada ponteiro, de cada batida, de cada tempo. O tempo é o plural de cada momento! Ouvir pessoas, é dedicar minutos na construção de novas histórias. "Passar o tempo" é sobreviver. Quando "o tempo voa", vive-se!

Ah, mas com o tempo as coisas melhoram, a gente amadurece, os caminhos mudam de percurso, a vida fica cada vez mais em busca de sentido, enquanto o maior deles é o tempo para se viver.

Acreditar que o tempo é a medida certa para cada dor, riso, compromisso, objetivo é como assistir, no mais confortável assento, uma apresentação sem personagens, tampouco figurinos ou cenário, sem enredo com início, meio e fim. Qual é o meu tempo de abrir as cortinas do próximo espetáculo?

Maria desce o morro todos os dias para trabalhar e teme por sua vida, já que, sua pele é a cor do crime. Joana apanha do marido diariamente e acredita veementemente ser sua culpa. Ana é julgada todos os dias por ser mãe solteira, afinal, mulher direita é quem tem uma família tradicional. Juliana é casada com um homem mas educa seus filhos sozinha, até porquê, mulher nasceu com o instinto materno. Luiza é a única jornalista onde trabalha e ganha menos, visto que, obviamente uma mulher tem capacidade inferior à dos homens. Laís nasceu Luís e contou para sua família e amigos que não se identificava com o corpo em que nasceu, consequência disso foi apanhar do pai, ser expulsa de casa e fadada a viver solitária, porque pessoas assim são uma heresia para a sociedade e merecem sofrer. Isabela namora Letícia porém não podem sair de mãos dadas, afinal, mulher amar outra mulher é mais vergonhoso que um homem bater na esposa. Márcia foi estuprada pelo avô quando era criança mas nunca contou para ninguém porque era culpa da roupa dela.

Um dia, Maria morreu com um tiro vindo da polícia. Joana foi assassinada pelo marido. Ana entrou em depressão por causa de todos os julgamentos que recebeu e foi tachada de fraca por se "deixar" ficar depressiva. Luiza acabou sendo demitida do trabalho com a justificativa que não era boa o suficiente. Laís e Isabela foram assassinadas quando saiam de casa e seus casos foram arquivados pela polícia. Márcia denunciou o avô, contudo, a família ficou contra ela pois se ela não tivesse dado motivo, nada daquilo teria acontecido.

Sociedade, respeite as pretas, as periféricas, as trans, as brancas, as lésbicas, as índias, as minas, as manas, as monas. Sociedade, pare de nos matar.

Gabriela Manzato

Poesia

Isabela Marques

Uma nova folha no universo,
Traz com o seu verde uma centelha
[de esperança
Pura, delicada e com tamanha clareza
Que me remete aos traços de sua beleza

A infinidade em seus olhos me hipnotiza,
Verdes e penetrantes que me tiram do chão
Mostrando a natureza selvagem,
Que destrói e renova meu coração

Dama de verde

Giovanna da Costa

Olho, olho meu, não chore
As mãos que destroem são as mesmas que
[constroem
E a clorofila que desenha nosso mundo
Um dia voltará a ser cor abundante
Predominante
Esperança impregnante
Verde lancinante



Ilustração por Paula Pazini

Ser plural é ser diverso
profuso e palpitante,
que não é preso à cor ou clero
é ser o outro, em si, constante!
Ser plural é se elevar
a mais alta patente do ser
seu reflexo no espelho estimar
e perante ao mundo se reconhecer.
Ser plural é essa tal pluralidade
é dar as mãos, juntando as cores
vivendo a certeza da igualdade
proliferando multifários amores.
Deixe o preconceito pra lá,
vem ser feliz com a diversidade
deixe que nasça, escolha e seja!
Deixe que viva em plena liberdade!

Miriam Izumi

"Folha" Verde

Verônica Calião Cappellini

Ambos lisos
Ambos verdes
Ambos vivos

Diferentes? Sim.
Pode ser

Mas quando alguém se apaixona
pelos olhos da pessoa,
verás, então, a cor esverdeada da folha,
transbordando na vida da pessoa.

Ilustração por Isael Junior



Diferentes, mas iguais

Gabriela Bilangieri

Andamos todos os dias pelas ruas
Por fruto de pura convenção
Reparando em todos os aspectos
E julgando quem deveria ser nosso irmão

Mesmo que pareça normal
Precisamos começar a acordar
Porque todos os dias alguém morre
Por características diferentes portar

Os antigos precisam entender
Que está tudo bem em ser diferente
Isso não define caráter
E não faz ninguém ser mais ou menos gente

Não teríamos nada que conversar
Se fôssemos todos iguais
A vida seria um grande tédio
Tudo para agradar os imorais

Não precisamos nos esconder
Ou fingir que não existimos
Eles é que precisam pôr a mão na consciência
E ver que isso nós não mais admitimos

Por fora somos apenas rótulos que nos
[puseram
Por dentro, somos feitos de carne e osso
Que apesar de não perceberem
É igual ao do tal bom moço

Todos querem o bom moço por perto
Por atender aos seus padrões
Ele é ovacionado por ser quem é
Enquanto eu sou condenada pelas
[minhas paixões

Multidão

Andressa Itou

Sempre soube que vivo no meu mundo
e nele não existe mais ninguém.
Mas eu não sou única, não sou só.

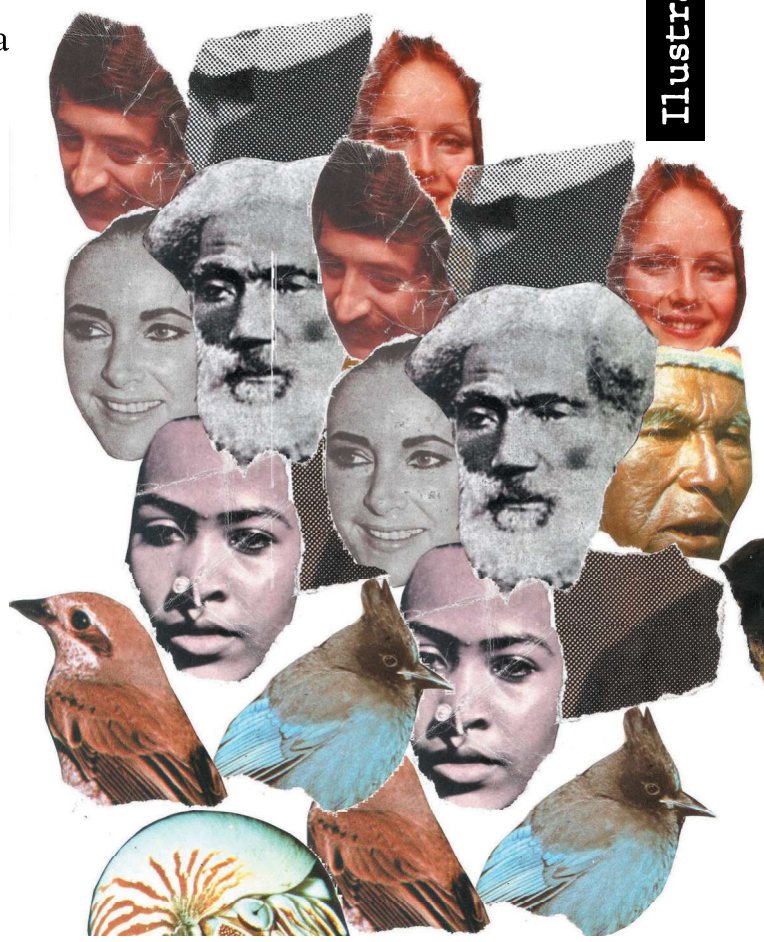
Várias faces que remetem
a um mesmo princípio:
como ser singular se sou plural?

São muitas que existem, são muitas que
[vivem.

Cada dia uma toma conta;
mas ainda sou a mesma.

Aceito de bom grado a multidão.

Ilustração por Miguel Rodrigues



To be one (million)

Numerically, the number "one" means a singular unity of something. It is easy to visualize it when you think about different items, right?

One car.

One water drop.

One watermelon.

One person.

The representation of the number itself also transmits the idea of singularity: if we draw it on a piece of paper, a thin dark line shall occupy a modest part of that blank space. One. Simple, complete, lonely.

Despite the ideas behind the visual of the number, if we stop to dedicate some thoughts to it, simplicity, completeness and loneliness are concepts that don't represent at all the underrated number one.

After all, when we imagine a car what we visualize is, indeed, a single object. But isn't this single object built out of other single objects? How many parts are there in a car? How many screws connect each section? How many iron molecules form those thousands of screws?

It's the same with the other examples. How many hydrogen atoms can be found in a water drop and how many water drops does it take to form an ocean? A watermelon might look single on the outside, but how many seeds are we going to find inside of it? At last but not least, there is us, people, and that is when the concept of unity becomes (even) more complex.

Such as the car, the water drop, the watermelon and basically everything on earth, humans are unique – though not singular – in many ways. Biologically, we are made of organs, muscles, bones, particles, atoms and the list just keeps going on. It is a very diverse and pluralistic constitution.

And, when it comes to our individuality as subjects, we are also plural. The books you've read, the songs you've been listening to, the people you've met and lived with, the culture that you've been presented to, the society you've been living in and the connections and dialogues you've established along your life have turned you into... Well, you.

Thinking like that, it took a lot to form the "single" beings that we are, right?

There is this saying which states that "one swallow does not make a summer", which enhances the meaning and the importance of collectivity and, in some sort of way, bumps out the power within the number 1.

I would certainly change the saying a bit because, as we are discussing, being one is already being a lot. I know some swallows who, due to their great pluralistic intellectual and social constitution, managed to make great summers for thousands of other swallows. And I'm not only referring to people such as Mother Teresa, for example, I'm also talking about those who donate a bit of their time to actually listen to a friend, those who choose to pass on their knowledge in order to make the world a better place, those who genuinely care about others... Educators. Entity doctors. Social activists. Vegans. Empathetic people. People who make a huge or tiny difference.

I would say then, that one swallow can indeed make a summer, if inspired and touched by others - after all, that one lone bird has gotten thousands of swallows inside its heart and was never singular.

That being said, there is nothing insignificant about being just one, just you, because being one also means being one million - or even more!

And the greatest part is... We never settle! Luckily, we keep (consciously and unconsciously) expanding our "one-icity" day by day and showing ourselves that there is so much about being one.

What I humbly ask you, kind reader, is that you start to embrace the sole plural you. Spend time with yourself and enjoy it. Work on expanding the network of idea(l)s that you're made of and to contribute to other networks. Get to know this beautiful and unique person that you are - or spend your life trying to.

We have a whole universe inside our selves. Explore it. Live it. Love it. And keep being this incredibly complex and forever evolving number one.

Carol F. Gomes



Ilustração por Giovanna Orlandi

Diga-me: quantas almas tem um ser humano?

Fernanda Lima

Quando minha mãe foi sepultada
Diria eu que não tinha alma
Pois o desejo de morte era tamanho
Que me jogaria naquela cova

Quando descobri o amor
Diria eu que tinha tantas almas
Que era possível expressar
Mil e uma formas de amar
Para as pessoas que eu tanta amava

Quando a perdi
Senti em cada alma
Elas saindo do meu corpo
Como se alguém pudesse viver Sem almas

Mas

Quando finalmente encontrei um novo amor
Todas as almas de todos os corpos apaixonados vieram até mim
Então, diga-me:
Quantas almas pode ter um ser humano?

Se a diferença do ser humano consiste em chorar e rir
Em comer e sentir fome
Então não existe alma

A verdade é que existe um ser tão mesquinho
Que sua significância é menor que
Menor que qualquer outra coisa!
O ser humano tem que amar
Amar e sentir tão intensamente
Que sente seu coração saindo do peito
Que sente as almas entrando em seu corpo e saindo dele quando ferido

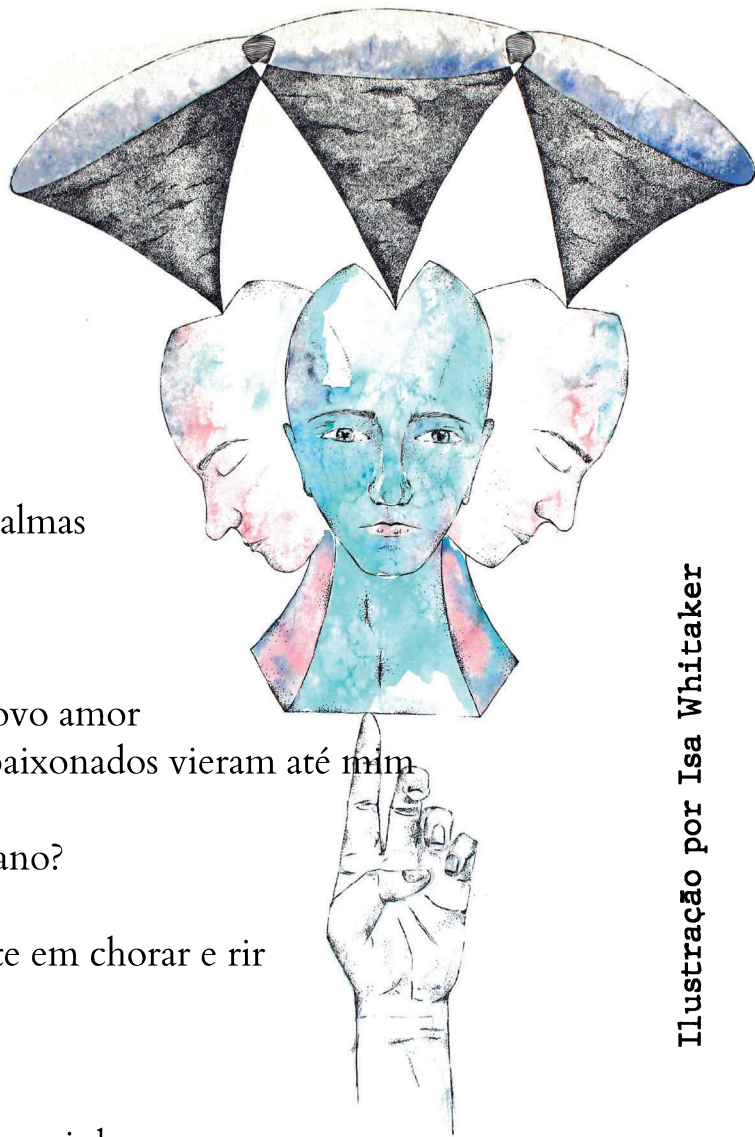


Ilustração por Isa Whitaker

O ser humano tem que sentir
Sentir a fome
Não a fome que sente por estar seis horas de
[jejum
Mas a fome que o outro sente por estar sempre
[de jejum

Ele tem que sentir
Olhar para o outro
Ver todas aquelas almas

Então, diga-me:
Quantas almas pode ter um ser humano?

Fecho meus olhos em um exercício de ver além
Vejo pessoas dizendo que é melhor trabalhar
[doze horas

Beber uma coca cola
Comer um salgado
Sem tempo para cozinhar
Bom, até eu não tenho tempo

Mas

O que é então ser humano senão sentir?
Sentir sentir sentir e sentir
Sentir tão fortemente
Ver que o outro ama alguém simplesmente
[por amar

Não para ofender religião
Não para dizer que valores estão errados

Ser humano não é nada mais aquilo
Ser capaz de ver as pessoas de uma forma tão
[genuína

Entender que o outro passa fome
Não porque escolheu não trabalhar
Não porque escolheu se drogar
É entender que escolhas também fazem vida
O verdadeiro problema está em quem não vê almas nessas pessoas
Não em como elas escolheram fazer suas almas viverem

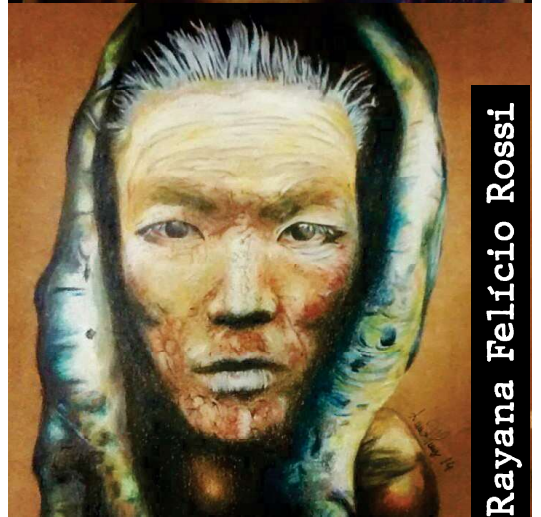


Ilustração por Arima Rayana Felício Rossi

Ser humano só é ser humano
Quando reconhece suas tantas almas e vê tantas outras
Entende que viver é sentir e se parar de sentir ele se torna mesquinho
Torna-se morto e
Seu objetivo passa a ser querer matar as outras almas também

Mas aqueles que lutam pela suas almas
Aqueles só sabem sentir
E até de morta alma sentem misericórdia!

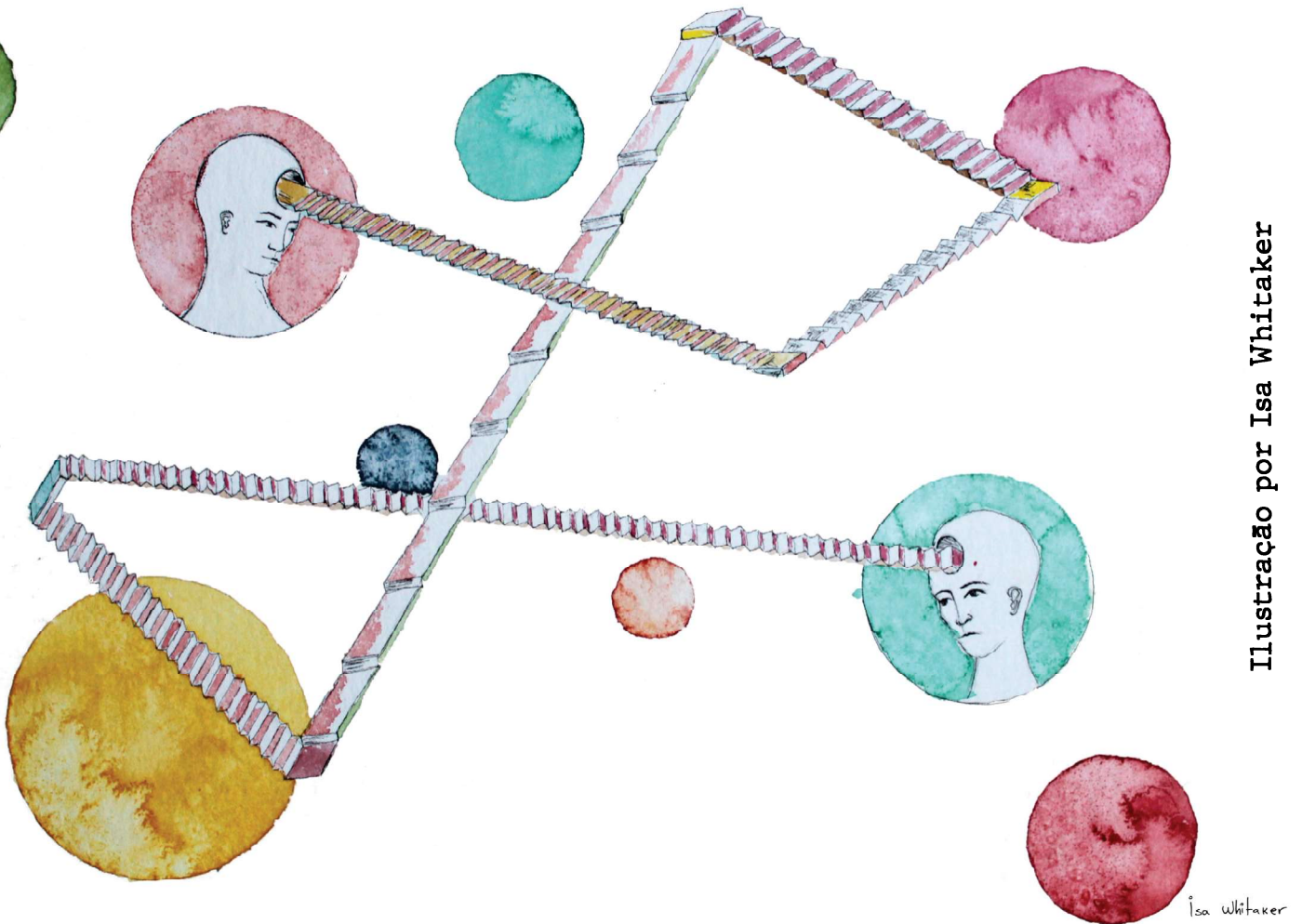


Ilustração por Isa Whitaker

Olhos de âmbar

Yasmin P. Maturo

Quando me perco em seus lagos de âmbar
vejo a confusão que o marrom traz.
Quando te vejo andar, me sinto talhada
por você, folha de gume.
Quando percebo que você é meu pecíolo
Já me sinto aluir.

Mas quando estou perto, não posso
deixar de querer.
Querer cativar sua luz, se
não por estas íris, que seja
pelo limbo desta linda
gume.

Eu gosto é de gente

Luís Fernando Martins Batistella

Somos por nós e pelos outros, mas priorizar nossa integridade não é abrir mão de ninguém. Não é egoísmo. É ser inteiro e por você. É desfrutar o deleite da tempestade que é conhecer a ti mesmo. É nudez, despir a alma, tirar a roupagem de sentimentos moldados, é arrancar com as próprias mãos a pele, rasgar. Dói. Você puxa do fundo de ti mesmo o seu significado, quem é você no mundo – identidade. E será que todas as respostas são realmente saciadas no trago de uma solidão? Só aquele despido de si mesmo saberá. E então o olhar se abre ao outro. Pluralidade – O corpo. A voz e a boca. A cor e a pele. O tempo. O mapa, dos meus caminhos tortos, Belchior já dizia: "sou apenas um rapaz latino-americano sem dinheiro no banco". A juventude aqui é um sentimento e as cicatrizes são estradas do caminho percorrido, de uma vida de afetos reais, de gente, de suor, de pé no chão, de sorrisos. Uma vida dos românticos incuráveis estancando a fresta aberta da loucura humana. A alma é a que não mente no fim do dia. Retomo o corpo, único e diverso, ao mesmo tempo. Eu gosto é de gente, felizes em suas tristezas, os defeitos que brilham nas constelações da humanidade, que saltam dos quatro cantos do mapa. Respeito é a ordem, e a pluralidade, o hino. "Vivem perguntando em redor. Que é ser? É ter um corpo, um jeito, um nome? Tenho os três. E sou?". Artista, poeta e louco. Que eu cante os meus amores, os teus amores, que eu seja visto. Faço de qualquer lugar meu próprio palco e das pessoas a minha inspiração, o mundo é meu mural e a cidade inteira, poesia. E se os fiz pensar que essa era uma história feliz, sim e não, mas cada um tira a beleza da peculiaridade que o toca. Eu disse, eu gosto é de gente, estranha e sem filtro. Sigo plural, o tipo de poesia que adora ler uma pessoa.

Elas são tantas

Viviane Vieira

13

Ela disse que caiu da escada,
Ela disse que bateu na porta...

Ela disse que tropeçou,
escorregou,
se descuidou....

Ela disse que não foi ele.
Ela disse que teve culpa.
Ela mereceu,
mas não doeu.

Ela caiu de novo...
Ela disse que foi por amor!

Ela disse que não foi ele!
Mas foi ele!
Cadeia nele!



Persistimos no mesmo, no chamado comum
Livres da consciência do outro,
Um contra todos e todos a favor de um,
Riquezas de belezas, de cores e sabores
Ameaçadas pelas vozes dos predadores.
Lutamos diariamente pelo diferente, pela
Igualdade na manifestação de pensamentos
De todas as formas de ser gente.
Avivados por um único sentimento,
De ser quem somos no plural
Evidenciando nossa identidade pois,
Singularidades juntas são mais fortes.

Ane Cangussu

Plurimorfose

Heberton Baptistela

A pluralidade
é uma condição da vida:
são sem número
as possibilidades do ser
e são diversos
os graus dos seres vivos:

o pica-pau estica a língua
para pegar larvas;
o camaleão estica a língua
para pegar moscas;
o tamanduá estica a língua
para pegar formigas.

O primeiro voa,
o segundo se camufla,
o terceiro chafurda a terra.

Todos tem fome
e se movem na precisão
e esticar a vida
o máximo possível:
são diferentes
e completamente iguais
coabitando, pacíficos
como árvores e brotos,
a mesmíssima floresta.

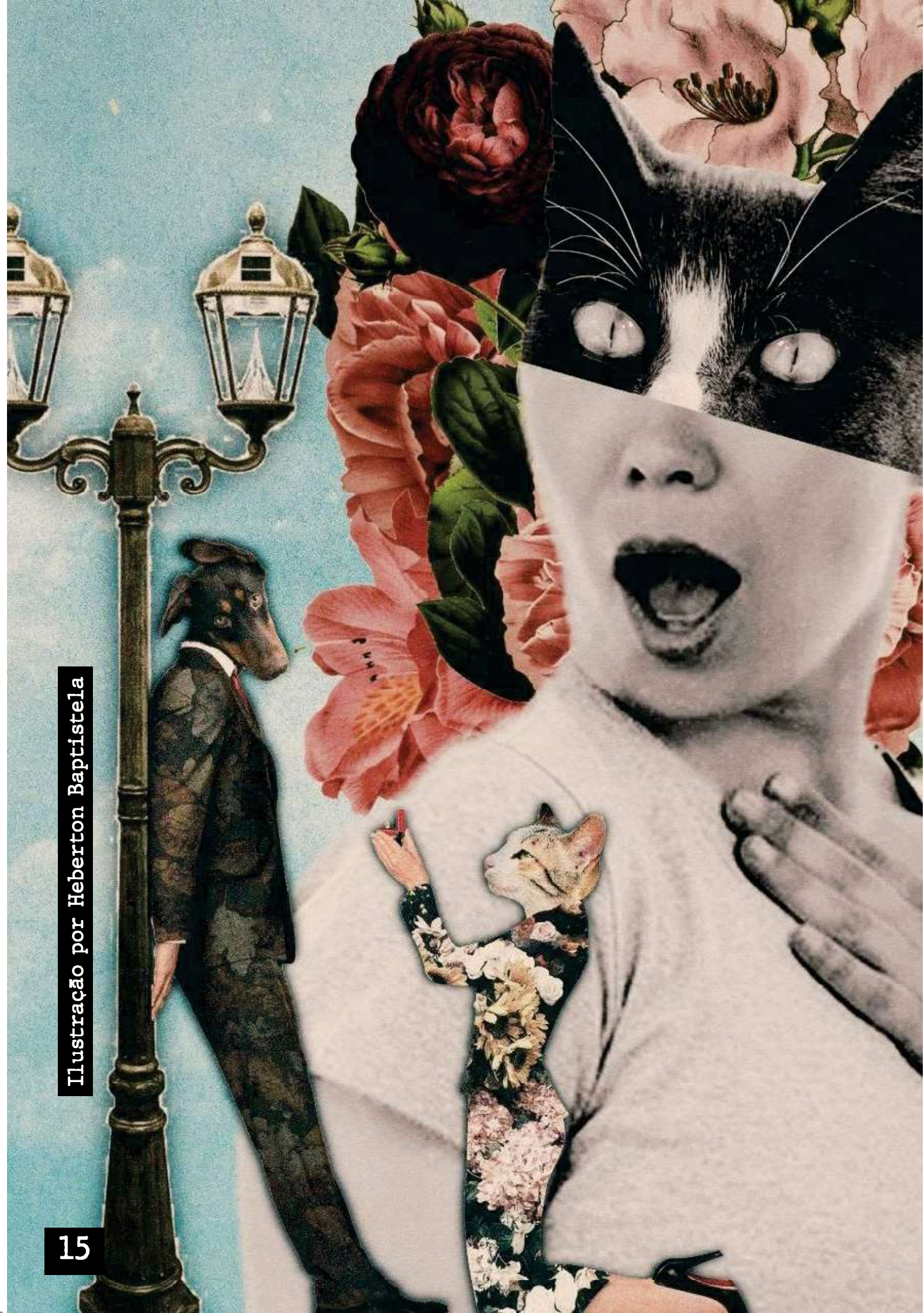
Nós também somos
estranhos e idênticos:
usamos a língua
para nos comunicar
nos comunicando
em variadas línguas.

Nossas peles, plumas
e escamas se diferem
andamos sem, em duas
em quatro patas
mas nosso biomecanismo
é um só
bombeando o mesmíssimo
sangue vermelho.

É verdade que os
cento e noventa e três
países do mundo
são ainda
cento e noventa e três
mundos diferentes

Mas cresçamos
como cresce a evolução
na tronco da vida,
como cresce, nessa tronco
os galhos que vão
em todos os sentidos...

Cresçamos
como a natureza cresce
sob o mínimo impulso
que emprenha uma espécie
para que nessa espécie
nasça outra
ainda mais pluribela,
policromática,
e versátil.



Das vantagens de ser um uni(co)verso

Danielle Assumpção

Dizem por aí que cada ser é um universo. Eu prefiro dizer que cada ser é um uni(co)verso.

Versamos pela vida enquanto vagamos pelos caminhos aos quais tentamos atribuir sentidos. Há, nesse caminhar, uma – ou várias – particularidades sobre como cada um versa sobre si mesmo mesmo que nunca tenha se dado conta. Nesse (uni)versar particular, topamos com abismos tridimensionais, esbarramos em grandes constelações brilhosas, às vezes nos assustamos com galáxias imensas, e já fomos capazes até mesmo de enxergar buracos espaciais onde não havia mais luz.

Costumamos falar da pluralidade dos seres a partir das diferenças, mas sinto que percebemos as pluralidades com indiferença, meio que como crença. Isso porque quando partimos do pressuposto de que somos sempre os mesmos, assim como tudo e todos ao nosso (re)dor, o que nos resta além de cristalizações imagéticas de vence-dor e perde-dor? Me questiono sobre a nossa plural-idade e todas as idades que somos capazes de carregar. Quantos eus cabem em mim que não sou capaz sequer de enxergar? Quantas mulheres minhas não couberam em mim, de fato, e tiveram que vazar pelo vaso que me constitui? Quais identidades guardei depressa no buraco-pessoal-espacial quando as vi de relance no espelho?

Todo mundo tem uma versão preferida que é proferida. Aquela que mostramos em dosagens abundantes. Essa é aquela nossa versão que, de tão grande, se constituiu num verso que jamais caberia numa amostra. Todo mundo tem um verso que não gosta de versar, e que rapidamente desvira do avesso porque se percebeu no verso. Parece que temos necessidade da frente e nunca do verso. Que tolice! É justamente no verso que damos a sustentação básica para o que está en-frente. E surpreendam-se, mas temos a incrível capacidade de estar de frente ao nosso verso, aquele uni(co)verso de que falo. E é

engraçado, porque a gente re-pele o verso, mas se esquece que é praticamente todo feito de pele-reverso.

Ver em verso. Sentir em verso. Falar em verso. Viver no verso. Acredito que deva ser assustador, mas é nas diversas dimensões capazes do ser que, de frente e com-verso, que podemos encarar nossos abismos, buracos, vasos e reflexos. Vá! Se é assustador, então assuste essa dor, e deixe na margem aquela imagem que não é fixa igual a sua tatuagem. Encare essa pluralidade que não tem idade, e enxergue com coragem, cara a cara, aquilo que ninguém escan(cara). Se invada e deixe de ser travada nessa necessidade constante de ser aprovada. E não fique apavorada não porque ninguém está suficientemente subjetivada para ser subjugada.

E traga à tona sem lona a diferença de ser vários em um. A tridimensionalidade que confunde, que infelizmente ainda não difunde, mas que certamente me desnude. E não se mude, porque até mesmo mudo é possível fazer barulho, e o silêncio também ecoa. Mas não se coe, porque coado o gosto fica aguado, e na boca o sabor não é pra ser ralo. E não guarde esse regalo, porque já perdemos tempo demais na retaguarda desse engasgo.

Somos universos que faíscam por entre os versos que escre-vemos de nós mesmos. Somos tantos em um assim como as estrelas estão para o universo. Temos tanto verso em nós, assim como as prosas estão para as palavras que se constituem nas frentes que insistimos em escan-encarar ao mundo. Somos a potência da contradição de sermos um único verso que jamais versará sobre a mesma coisa de uma mesma maneira: justamente porque é único, justamente porque é verso.

Dizem por aí que cada ser é um universo, mas eu prefiro dizer que cada ser é um uni(co) verso, pois assim podemos versar a vida do jeito que bem entendermos – e sentirmos.



Ilustração por Paula Pazini

Cerâmica é pra gente que quando pega,
não resiste a nova forma
sente prazer em romper a norma.
Cerâmica é pra gente que
através dela se entende,
se mexe, fica bela, se estende.
Cerâmica é pra gente que se inventa
nas telas e lentes, nas redes, nas tramas de
um balançar diferente.
Cerâmica é pra quem não tem
pena, que sabe que tudo quebra,
até ela. Cerâmica é pra gente que
percebeu que mais do mesmo
só faz cotidiano a esmo.
Cerâmica é pra gente que gosta de gente,
que gosta de preto, marrom, amarelo,
pardo, azul, rosa, lilás, não teme o diferente
em contraditória história.
Cerâmica é pra gente que não está
morta e, por isso conforta, suporta,
compreende o que se entorta, se importa.
Cerâmica é pra gente que sabe
que foi gente que fez,
que ceramista tem cumplicidade
com a ansiedade,
que se vira do avesso e entrega arte.
Cerâmica é pra gente que entende
que o reboiço da arte e terreno movediço,
não é feitiço, não é místico,
e se revela no detalhe que não é postiço,
é para o olhar que sabe o viço.

Cerâmica é pra gente que sabe
que foi gente que se fez caco,
em cada amasso, pedaço,
naco e vidrado, é pelo ceramista
explorado, apurado, expirado.
Pra gente que entende que
o ceramista desceu ao inferno
e voltou com um presente (e)terno.
Cerâmica é pra gente que pensa
diferente, que não se entende
no convencional, que reinventa
o dia a dia entre objetos fora do
[institucional.

Pra refletir:

Rafaela Romero

ECA vamos acabar com isso
Ouvi de longe um discurso incisivo
Direitos humanos é bobagem
Ouvi outro discurso sem vantagem
Preconceito é frescura
Notei no discurso tamanha amargura
Homossexualismo não é de Deus
Ouvi daquele que na cruz cuspiu
Amazônia não é tão importante
Ouvi daquele que é ignorante
Ditadura tem que voltar
Ouvi daquele que história precisa
[estudar.
Vivemos num mundo cercado por ódio
Rodamos num mundo onde a vitória é
[o pódio
Isto não é um poema
É a realidade
Minhas rimas expressam a verdade
Mas quem quer ler um poema nos dias
[atuais

Se até da escola querem arrancar as matérias essenciais
Conteúdos que nos fazem pensar
É um perigo para aqueles que querem nos derrubar.
Aqueles mesmos que desejam extinguir
Todos os nossos direitos
Aqueles que usam da ideologia
Para alienar o povo
E pouco se importam com a psicologia, a filosofia, a pedagogia
Mas a religião é um ótimo veículo de alienação
Faz do homem fascista e corrupto
O preferido da nação

Homem que usa o nome de Deus pra fazer a sua imagem
Mas que na realidade cospe o ódio na sociedade.
E se o ECA um dia acabar, o que será das nossas crianças e adolescentes?
E se arrancarem os nossos direitos, o que será do homem?
E se o preconceito persistir, por onde vamos seguir?
E a homofobia continuar, quantos mais irão matar?
E se a natureza um dia acabar? Será o fim?

Pense, reflita, pense novamente. Isto não é um poema, é um desabafo. É real, está
[acontecendo, portanto pense, reflita, não se influencie pela mídia, pelo dinheiro, pelo
[discurso, pense por si mesmo, e torna-te consciente, porque a vida é presente.



Cerâmica e foto por Acácia Azevedo

Afro-brasileira

Mayara Coelho

Sou mulher,
Sou livre,
Sou negra,
Filha da noite que foi calada
Amedrontada e humilhada
Pela cor da minha raça

Sou aquela que é apontada
Só porque levo comigo a caixa
De Exu e o canto de Iara
Sou livre!
E não posso ser calada
E nem humilhada

Sou afro-brasileira,
Neta de pai de santo
Meu povo é grato a
Oxóssi por cada peixe e farinha
Dada aqueles que fugiam da chibata

Somos negros brasileiros
Netos, bisnetos e tataranetos
Daquelas que gritaram por liberdade
Dentro de senzala e que oraram para
Oxum para que nossas mulheres fossem
[firmes
E que clamaram a Obaluaiê pela cura.

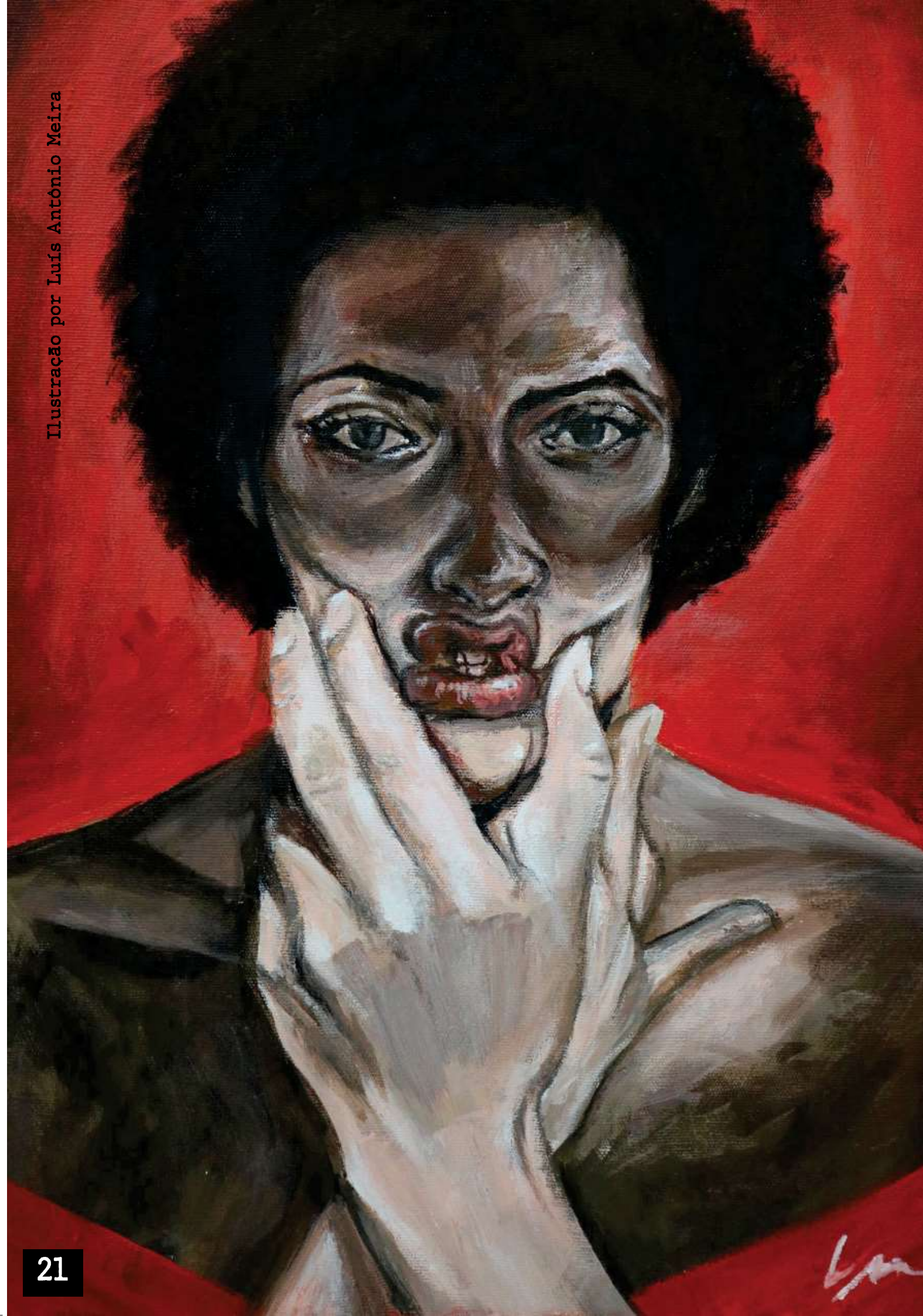
Desculpem-me por ter falado tanto de meu
[povo
É porque somos tão calados, apontados
[e oprimidos

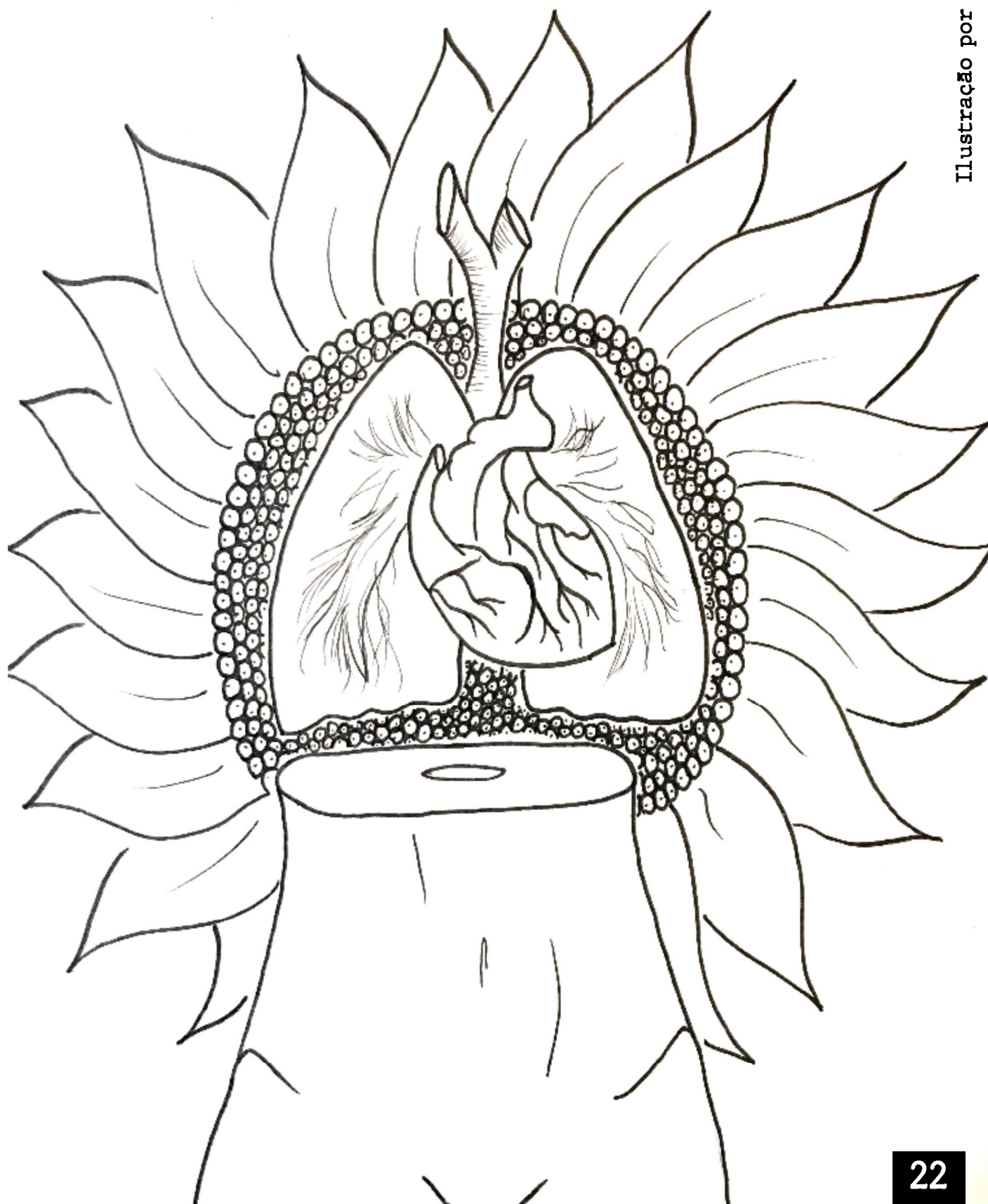
Que quando nos dão espaço queremos falar e
[mostrar Ao mundo nossos orixás.

Monge nordestino

Rafaela Romero

Nordestino é monge arretado
Quando vai tocar o gado
Tem uma calma de sábio
E quando falta água, medita
Para que na caatinga
O equilíbrio se faça
E a chuva caia.
A entoação do mantra
É o dedo de água ardente na manhã
Todo dia na mesma hora
Três goles enxoto goela abaixo
Para aguentar o empacho do dia
Mas nordestino não arreiga
Meio dia debaixo do sol
Faz uma prece
E três rezas.
Nordestino é monge arretado
Mas também é eremita
Indo pra São Paulo
Pensando que no centro urbano
Pode fazer a vida
Mas nordestino medita
E sente falta do seu teto
E vê que em São Paulo não tem afeto
Nem trabalho.
Volta pra sua terra
Tocar o gado, na calma de sábio
Escrever cordel debaixo do sol árduo
Se faz o nordestino em sua missão
Nordestino é monge arretado
O seu templo é o sertão.





Lamento tropical

Rafaela Romero

O luxo do meu país
Está no verde tropical
Na fauna e na flora
Nas cores de carnaval.
Os frutos e os rios
Transformam a minha terra
Iluminado continente
Pintura de aquarela.
Na minha terra tem Juçara
Tem sabiá e canário
Tem onça pintada
Canindé e papagaio.
Na terra nasce tudo
Do milho ao pé de feijão
Daqui se exporta tudo
Até o coração da nação.
Triste é pensar
Que o lixo está no poder
E o dinheiro vem comprar
Toda riqueza por aqui.
A beleza tropical
Foi vendida aos homens
Que sugam sem cessar
Toda vida que nos move.
Aos poucos a terra adoece
E os animais vão sumindo
Hoje o ser humano enriquece
No futuro será extinto.
A humanidade padece
Na natureza uma prece
Meu país se entristece
Na pressa se enlouquece.
E vai seguindo tossindo

Na fumaça do poder
As cores tropicais sumindo
No cinza a corroer.
E vai seguindo tossindo
Até a última árvore morrer.

Sertão

Rafaela Romero

Plantei um pé de macaxeira
lá nas terras do sertão
pra alimentar Mariazinha
magrela de desnutrição
A fome veio nos visitar
em nossa casa de sapé
até quando suportar
a miséria por aqui
Os bois que aqui pastavam
já secaram como a terra
a fome não tá fácil
minha criança está enferma
Mariazinha tem três anos
está magra e pede água
isso tudo não tem mídia
em sua tela de polegada
Por isso aqui venho contar
nestes versos de miséria
o nosso rio está morrendo
aqui jaz a nossa terra
Mariazinha faleceu
nesta tarde de domingo
minha filha vai em paz
logo eu te encontrarei.

Olhos de esmeralda

Isadora Vitorelli

Óh! Moça dos olhos de esmeralda
Seus cabelos balançam como uma brisa
Balança as folhas das árvores em uma manhã ensolarada
Dona do olho que não se cansa

Óh! Moça dos olhos bondosos
Eu queria poder te cuidar
Como a natureza cuida de um coração partido em romances
[melosos
Eu queria poder te libertar

Das amarras deste mundo
Que te impede de voar como uma folha de outono
Que te machuca calado

Acreditando não ser alguém desumano
Que destrói o que é amado e vivido

Noites de verão *
Fazem, em minha pele,
Fresco orvalho

Leonardo Flôres

Veja! A vida esgota *
A seiva tornou-se cinza
Consumimos tudo

Isabela Zamerezi

*** Haicais produzidos** pelos alunos da Faculdade de Letras da PUC-Campinas, em aula da disciplina "Análise linguística: Semântica", da professora Cristina Betioli R. Marques. A prática de escrita se baseou em exercício de reflexão sobre a produção de sentido neste gênero poético que, tradicionalmente, demanda: temas da natureza preferencialmente ligados às estações do ano; forma e métrica específicas; linguagem objetiva, contemplativa e antimetafórica.



Ilustração por Allan Douglas Oliveira





D

R

UJ9

LI

DA

DE